

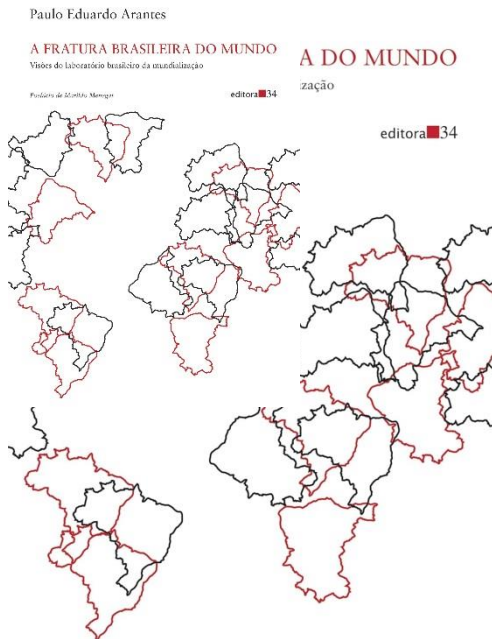
A fratura brasileira do mundo: Visões do laboratório brasileiro da mundialização

PAULO EDUARDO ARANTES

São Paulo – SP: Editora 34, 2023. 144 p.

168

Leonardo Dias Nunes¹



A obra **“A fratura brasileira do mundo: visões do laboratório brasileiro da mundialização”** foi publicada originalmente em 2001 por Paulo Arantes e recebeu nova edição neste ano. Em suas páginas somos convidados a relacionar a crise aberta após a década de 1970 com a atual impossibilidade de superação do subdesenvolvimento e com o fim da tradição crítica brasileira.

A crise econômica iniciada na década de 1970 acelerou os processos de mundialização do capital e de transnacionalização da classe capitalista, gerando

¹ Possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2008), mestrado (2012) e doutorado (2018) na área de História Econômica do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Econômico da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Como docente do curso de Especialização em Economia Financeira na Escola de Extensão da UNICAMP e dos cursos de Ciências Econômicas da Universidade de Sorocaba (UNISO) e da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). | leonardodiasnunes@hotmail.com



sociedades cada vez mais desiguais. Nessa conjuntura histórica, o Estado de bem-estar social na Europa e o Estado desenvolvimentista na América Latina desmoronaram. Com fim do mundo criado no pós-guerra originou-se um novo mundo cujos conceitos e categorias criados no século XX deixaram de ser úteis para compreender as novas relações políticas, econômicas e sociais que emergiam na virada para o século XXI. A obra em resenha é fruto desse contexto histórico e realiza em três partes uma crítica desse novo mundo.

Paulo Arantes inicia o ensaio mostrando que um dos mitos fundadores da nacionalidade brasileira é o seu encontro marcado com o futuro (ARANTES, 2023, p. 11). De acordo com esse mito, se observava um país eufórico com sua condenação ao progresso, mesmo após a revelação dramática do subdesenvolvimento.

Ao reconstituir os milagres que fundamentaram esse mito de acordo com Sérgio Buarque de Holanda, o autor cita os ciclos do ouro do século XVIII, o do café do século XIX e a industrialização do século XX como sendo um conjunto de milagres que prometeram a difusão do progresso na sociedade brasileira, porém, como o resultado foi bastante diferente do esperado, criou-se uma sintaxe da frustração evidenciada em destacados pensadores da realidade brasileira.

A frustração é fundamentada em um futuro que nunca chegou e nem chegará. Assim, por mais contraditório que pareça, quando se observou que o país do futuro já não possuía mais a capacidade de realizar essas expectativas, as características desse país tornaram-se um indesejado futuro. Expliquemos melhor. O Brasil se tornou o país do futuro quando todas as possibilidades de difusão do progresso fracassaram, pois essa é a atual e futura condição de tantos outros países desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Na segunda parte do ensaio, ao definir a *brasilianização*, Paulo Arantes apresenta três características desse processo. Primeira, a constituição de uma sociedade compatível a um sistema informal de castas cujos integrantes do topo são os brancos e os integrantes da base são negros e mulatos (ARANTES, 2023, p. 21–22). Segunda, a existência de uma dimensão horizontal da guerra de classes, pois o declínio econômico cria ressentimento entre os grupos na base, mas não cria uma rebelião contra os integrantes do topo. Terceira, os integrantes dos extratos sociais superiores vivem entrincheirados em enclaves privatizados (ARANTES, 2023, p. 22).

Com a *brasilianização* houve um divórcio entre a economia política do livre mercado e a economia moral da civilização burguesa (ARANTES, 2023, p. 24). Consequentemente, as elites isentaram-se de suas responsabilidades



civis, a classe média perdeu suas características burguesas e ocorreu a reproletarização da classe operária. No que tange ao seu regime político, a sociedade brasilianizada tende a criar um futuro com características fascistas ou um populismo autoritário característico de um sistema de castas sociais hereditárias (ARANTES, 2023, p. 24). Além das características sociais, econômicas e políticas do processo de *brasilianização*, o autor observa que todos esses atributos ganham materialidade na transformação das metrópoles que passam por uma nova clivagem. De um lado, nelas vivem os trabalhadores formais possuidores de circulação desimpedida pelo mundo. De outro, vivem os trabalhadores informais e degradados que possuem circulação limitada pela cidade.

Na última parte do ensaio, Paulo Arantes apreende as relações sociais através da literatura e do cinema. Com esse recurso analítico, afirma que no Brasil a norma é frouxa e, por isso, a infração é feita sem remorso. Ao evidenciar sua proposição, o autor nos convida a assistir ao filme *Cronicamente Inviável*² e a ler a obra *Cidade de Deus*³ para explicar como funciona a violência cotidiana existente na sociedade brasileira.

O autor segue argumentando que o fim do pleno emprego nas economias centrais, ou de sua frustrada tentativa de consolidação nas economias periféricas, criou um trabalhador flexível, com uma biografia descontínua e que se encontra sob o regime do risco (ARANTES, 2023, p. 74). Esse regime de acumulação conseguiu conjugar características aparentemente contraditórias, quais sejam, as novas tecnologias de organização da produção e as estratégias de extração da mais-valia absoluta. Nesse novo cenário do mundo do trabalho, houve a valorização da força de trabalho mais qualificada e a desmoralização do sindicalismo de conflito.

Diante de tais atributos, uma sociedade de passado colonial como o Brasil tornou-se absolutamente moderna (ARANTES, 2023, p. 77). Sua elite criou uma cidade que, de um lado, apresenta-se como sendo possuidora dos complexos serviços da metrópole global e que está em permanente busca por investidores internacionais. Mas, de outro, também possui uma alta concentração de pobreza e de desamparo em suas periferias. A convivência

² *Cronicamente Inviável*, filme brasileiro lançado no ano 2000, dirigido e produzido por Sérgio Bianchi.

³ *Cidade de Deus*, livro de Paulo Lins publicado em 1997. Em 2002, com a direção de Fernando Meirelles, foi adaptado para o cinema.



sem culpa da elite com a extrema desigualdade dessa sociedade é outra importante característica da *brasilianização*.

A reflexão final do autor é provocativa por afirmar que a modernidade criou uma cidade ilegal e um homem flexível. Nesse cenário, as relações de trabalho precárias que sempre organizaram a vida da empregada doméstica brasileira foram difundidas para os trabalhadores de todas as partes do mundo (ARANTES, 2023, p. 93).

Já no posfácio da obra, Marildo Menegat apresenta a interpretação de que *A fratura brasileira do mundo* "é um dos ensaios fundadores de uma nova crítica radical do capitalismo que tem se desenvolvido por estes lados do planeta nas últimas décadas" (MENEGAT, 2023, p. 96). Por observar que o modo de ser da sociedade moderna está sendo enterrado, restou ao pensador social refletir sobre o tempo do fim, momento em que houve um emparelhamento de diferentes sociedades através da ruína.

Com o passar do tempo, continua Menegat, tornou-se possível afirmar, por um lado, que a tradição crítica brasileira possuía mais sentido de justiça do que uma análise crítica das potencialidades do sistema. Por outro, que o desenvolvimento capitalista, em sua fase de mundialização do capital, já não precisava de constituir nações na periferia do sistema. Consequentemente, na conjuntura de *brasilianização* do mundo, a negação da possibilidade de realização do desenvolvimento nacional leva consigo a negação da possibilidade de criação e de execução da política social fundamentada por uma ciência social. Não menos importante, as antigas tensões sociais eram o combustível para o pensamento crítico, já as atuais são paralisadoras, por isso, se observa o fim da tradição crítica brasileira e do progressismo.

Ao ler o ensaio *A fratura brasileira do mundo: visões do laboratório brasileiro da mundialização*, observamos que a tese da *brasilianização* do mundo evidencia que atualmente é cronicamente inviável um desenvolvimento capitalista com um regime democrático e com seguridade social. Em consequência, no que tange ao mundo do trabalho, o homem flexível precisa realizar a missão impossível de sobreviver constantemente sob o regime do risco em uma cidade cindida.

O ensaio trata da impossibilidade do desenvolvimento capitalista assim como foi realizado no pós-guerra e argumenta que na atual conjuntura histórica não há espaço para otimismo, mas sim para o risco e a incerteza em relação ao trabalho, a desigualdade social e o Estado de exceção. Paulo Arantes nos incita para a desafiadora tarefa contemporânea



de refletir sobre as condições de possibilidade de superação da encruzilhada existente entre o progressismo anacrônico e a paralisia crítica.

Para concluir refletindo sobre as condições de possibilidade de superação dessa encruzilhada, recorreremos ao argumento de Alex Hochuli (2021, p. 4), de que o entendimento do processo de desenvolvimento capitalista no Brasil nos permite compreender o presente e o futuro do sistema, pois no país da promessa do progresso e de sua frustração, criou-se uma perspectiva crítica da modernização que o mundo faria muito bem em estudar. Caso essa proposição esteja correta, intuímos que a intrincada tarefa intelectual daqueles que se formaram orientados pela tradição crítica brasileira passe pela contínua e complexa reflexão sobre os caminhos para a superação da encruzilhada existente no mundo contemporâneo. Para tanto, o ensaio de Paulo Arantes mantém-se extremamente atual, pois já no início do século XXI prognosticou problemas que uma década depois de sua publicação se apresentariam com notória nitidez. Além disso, mostra-se incontestavelmente como um importante ponto de partida para o estudo do tempo do fim.

Referências

- ARANTES, P. E. **A fratura brasileira do mundo**: visões do laboratório brasileiro da mundialização. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2023.
- HOCHULI, A. The brazilianization of the world. **American Affairs**, v. 5, n. 2, 2021.
- MENEGAT, M. Posfácio - Chegando na hora para o desmoronamento do mundo. **A fratura brasileira do mundo**: visões do laboratório brasileiro da mundialização. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2023. p. 93–138.

Recebido em 22 set. 2023 | aceite em 27 dez. 2023

